

A DUPLA VIDA DO SENHOR ELIOT

Reflexões sobre o papel dos inovadores em sistemas culturais do ponto de vista da "Ação-Estrutura"

Terry Mulhall

The progress of an artist is a continual self-sacrifice. A continual extinction of personality.

T.S. Eliot: Tradition and Individual Talent

1 . INTRODUÇÃO

A sociologia, como nós sabemos, tem, desde seu começo, oscilado entre abordagens de agência e de estrutura (Scott, 1995; Alexander, 1987). Houve tentativas bem conhecidas de atravessar a divisão de micro-macro: Giddens e a Teoria da Estruturação, a noção de Campo sugerida por Bourdieu e a noção de Figuração proposta por Elias são apenas três exemplos (Giddens, 1984; Bourdieu e Wacquant, 1992; Elias, 1978). Porém, como Mouzelis sugeriu, as tentativas para abolir a distinção não têm sido muito úteis, sendo melhor refinar a armação existente em lugar de aboli-la (Mouzelis, 1995).

Este debate sobre agência e estrutura não é menos importante na esfera cultural. Aqui também temos uma oscilação entre as duas abordagens. Recentemente o

estruturalismo esteve em alta. Porém, é igualmente difícil negar que na esfera da cultura certos indivíduos representaram papéis crucialmente importantes. Tomemos como exemplo o papel do poeta e crítico T.S. Eliot na história do entre-guerras na Inglaterra. De acordo com seu biógrafo Peter Ackroyd, "ele determinou a forma da poesia inglesa entre os anos trinta e os anos sessenta" (Ackroyd, 1984:182). Francis Mulhern vai mais adiante e sustenta que o sucesso do modernismo na Inglaterra foi ganho, "só depois de uma longa, freqüente e amarga luta, cuja estaca simbólica era a autoria de *A Terra Devastada* (Mulhern, 1979:16). Desde o início dos anos trinta Eliot, segundo Angus Wilson, "tinha deixado na poesia inglesa uma marca inconfundível, mais do que qualquer outro poeta que escreve em inglês" (Wilson, 1959). Porém, como F.R. Leavis notou, em

1920 o nome de Eliot, para não falar de suas idéias sobre literatura, quase não teve reconhecimento. Apesar disso, por volta dos anos trinta ele tinha se tornado uma figura central da vida intelectual na Inglaterra, cuja influência se estendeu além da estreita esfera da poesia, na vida política e cultural do país. O próprio Leavis, que era uma figura importante na vida intelectual inglesa, reconheceu a própria dívida intelectual para com Eliot (Leavis, 1952:279).

A pergunta é, como o próprio Leavis diz: como isso se deu? Se é de fato o caso, como um único indivíduo poderia mostrar tal influência no desenvolvimento de um sistema cultural? Isto é o que se pretende responder pelo emprego do método comparativo. Antes de entrar na análise deste método, dois pontos importantes precisam de ser esclarecidos no início. Primeiro, nossa intenção não é avaliar a importância de Eliot como um poeta *per se*. Neste assunto estamos de acordo com George MacBeth, que diz que, no idioma inglês pelo menos, *A Terra Devastada*, "ainda é o poema mais importante do século" (MacBeth, 1967:73). O fato que se quer frisar aqui é que a importância de Eliot em condições culturais mais amplas não pode ser explicada puramente através de referências à sua habilidade literária. Em segundo lugar, o objetivo não é provar, de uma maneira ou de outra, a importância maior de agentes ao invés das estruturas. O caso Eliot será usado, neste artigo, para destacar aspectos do problema "agência-

estrutura".

2. DUAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS: O MÉTODO CONTRAFACTUAL E O MÉTODO COMPARATIVO

Uma abordagem para o problema "agência-estrutura" que é um pouco negligenciada é o método contrafactual sugerido por Weber no seu discurso sobre o livro de Eduard Meyer, *Sobre a Teoria e o Método da História* (Weber, 1949). Meyer era um proponente do "grande homem" na teoria da história; virtualmente uma ortodoxia na historiografia do século dezenove (Carlyle, sd; Saltzer, 1991). De acordo com esta visão, poderia ser explicado o desenvolvimento do Império Romano em termos da decisão fatal de Aníbal de atacar Roma. Igualmente, poderiam ser explicadas as relações Franco-Alemãs em termos de como Bismark alterou o "Telegrama de Emms" em 1870.

Weber, mesmo não tendo rejeitado este método completamente, tentou solucionar o debate sugerindo o emprego da "abordagem contrafactual"; isto é, supondo que um indivíduo particular não tinha estado presente num evento importante, ou que um tal evento não tinha acontecido. O melhor modo para avaliar a importância de um fato individual ou histórico para um curso de eventos, ele sugere, seria perguntar "se um fato histórico é concebido ausente de, ou é modificado em um

A Dupla Vida do Senhor Eliot

complexo de condições históricas, isto implicaria que o curso de eventos históricos seria diferente" (Weber, 1949: 166). Em outras palavras, precisamos nos perguntar se removendo um indivíduo de uma corrente específica de eventos, estes eventos seriam diferentes. Se a resposta é afirmativa, então estamos em posição de sustentar que a pessoa é de importância crucial.

Podemos apresentar um exemplo hipotético para ilustrar este ponto. A história da Alemanha nos anos trinta pode ser entendida como uma série de eventos que conduziram eventualmente à segunda guerra mundial. A pergunta que é feita freqüentemente é a seguinte: como avaliar o papel de Hitler nisto? (Bracher, 1976) Por exemplo, se Hindenburg não tivesse designado Hitler chanceler na noite de 30 de janeiro 1933, os eventos subsequentes ocorridos na Europa seriam diferentes? Estamos inclinados a pensar que certamente seriam, mas isto acontece porque nós já acreditamos na importância crucial de Hitler. Por outro lado, num outro exemplo, é possível perceber os eventos dos anos trinta que conduziram a Espanha à subversão da república e ao estabelecimento da ditadura. Se Franco tivesse sido assassinado, em vez de Calvo Sotelo em 13 de julho 1936, isto teria afetado o resultado da guerra na Espanha? Ou, ainda, teria afetado o curso da história alemã? Somos inclinados a responder ,à primeira parte da pergunta, que provavelmente não, e para a última

parte quase definitivamente não. Porém, novamente nosso raciocínio está baseado na suposição anterior de que Franco não era de fato centralmente importante.

Está claro que a solução do problema se baseia em especulação, e que, pelo menos fora da historiografia stalinista, não é possível levar o indivíduo a sair da história. E, mesmo que por um "experimento mental" nós removêssemos o indivíduo, isto alteraria inevitavelmente o que Weber chama "o complexo de condições históricas". O problema principal da abordagem contrafactual é que ela tenta isolar relações causais através de uma comparação entre um evento que aconteceu e um que poderia ter acontecido.

Por isto eu sustentaria que o uso do método comparativo do tipo esboçado por Theda Skocpol oferece uma alternativa melhor (Skocpol e Somers, 1994). O método consiste em identificar relações causais por comparação de vários casos. Um aspecto do método envolve a comparação de casos que atravessam uma transição semelhante mas com resultados diferentes, tal como a modernização japonesa e chinesa no século XIX (Skocpol, 1979: 100-101). A partir daí, ela sustenta que é possível isolar a variável causal. Se, como ela acredita, o Japão e a China enfrentaram um problema de modernização semelhante, com muitas características em comum, surge a pergunta: por que o resultado

foi diferente? Aqui começa a procura pela variável causal.

A diferença chave entre o método comparativo e a abordagem contrafactual é a seguinte: no método comparativo nós estamos comparando duas situações atuais, na abordagem contrafactual nós estamos comparando uma situação real com uma outra hipotética. Por isso sustentamos que o método comparativo é a melhor opção.

Me parece que, com modificações satisfatórias, é possível aplicar este método no estudo do papel de um único indivíduo na história. A influência de dois indivíduos diferentes pode variar no mesmo contexto institucional devido a fatores que é possível identificar, como conhecimento ou posição hierárquica. Também a influência de um indivíduo pode variar em contextos institucionais diferentes devido a fatores semelhantes que são possíveis de serem identificados. Em uma situação institucional, um ator pode possuir uma competência específica que falta a outro e que pode lhe assegurar maior influência. Através da análise de duas situações que envolvem o mesmo indivíduo, mas com resultados diferentes, é possível isolar esses fatores no "complexo de condições históricas" que são importantes.

A idéia é aplicar este modelo ao caso de T.S. Eliot. O caso Eliot é um bom estudo de caso para testar este método. Ele viveu uma dupla

vida como escritor e crítico da cultura. Ele era influente não só na área da poesia e da literatura, como também fez uma intervenção importante numa área diferente, a teoria da cultura. Porém, a intervenção dele nesta área estava longe de ser próspera. Propõe-se explicar esta diferença a partir de dois fatores. O primeiro era o próprio entendimento de Eliot do problema e a sua estratégia teórica. O segundo fator era a matriz institucional dentro da qual esta contribuição estava sendo feita. A partir do caso Eliot, pretende-se empregar o método comparativo e avaliar até que ponto ele pode ser explicado em condições de "agência-estrutura".

3. O CONTEXTO INTELECTUAL: A REORIENTAÇÃO DO PENSAMENTO EUROPEU NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

13. No seu livro sobre a história intelectual da Europa, H. Stuart Hughes fala de uma "reorientação" do pensamento social europeu entre 1890 e 1930 (Stuart Hughes, 1958). Neste trabalho ele discorre sobre a rejeição geral ao positivismo em favor de uma perspectiva mais subjetiva (Stuart Hughes, 1958: 66). Segundo ele, haviam duas dimensões envolvidas neste problema. A primeira era a rejeição da ciência social positivista do tipo, por exemplo, praticada pelos marxistas da Segunda Internacional e exemplificada nos últimos livros de Engels. A segunda é uma ênfase crescente no irracional e no emotivo na vida social. O trabalho

de Freud sobre o inconsciente é o exemplo mais famoso desta nova preocupação intelectual (Freud, 1984). Também é exemplar desta preocupação a literatura sobre as multidões e comportamento de massa, particularmente no trabalho de Le 80n (Le 80n, 1896; Canetti, 1962). Além desses autores, ela se apresenta também em autores como Luk ács, na sua reabilitação do "jovem" Marx. (Luk ács, 1971). O conceito de hegemonia de Gramsci reflete também esta volta para o cultural. (Gramsci, 1971)

A segunda dimensão para esta reorientação do pensamento era a maior ênfase na importância da cultura de massa; cinema, música popular e consumismo cultural. O trabalho da Escola de Frankfurt é um exemplo desta reorientação. Nesta tradição a cultura de massa é vista em termos das exigências de reprodução do capitalismo. A cultura é vista como uma indústria e um meio efetivo de reconciliar as pessoas para uma posição de subordinação (Adorno e Horkheimer, 1979). O trabalho de Karl Mannheim sobre elites e a cultura de massa também é um produto desta reorientação. O objetivo de Mannheim era explicar a conexão entre vários tipos de organização social e os tipos de idéias, e como as circunstâncias materiais influenciaram as idéias. Ele estava interessado, como ele próprio coloca, na "penetração do processo social na perspectiva do pensamento" (Mannheim, 1936:243).

O debate sobre a cultura de massa e o sistema inglês

Esta reorientação do pensamento social é também evidente na Inglaterra. Cultura de massa, lá também, se tornou uma preocupação de intelectuais. Realmente, de acordo com Peter Carcy, esta era a preocupação central das elites na era modernista. Eliot, ao longo de sua vida, estava também envolvido no problema da cultura. Efetivamente, sob muitas formas, este interesse obscureceu o seu trabalho poético. A contribuição de Eliot diferiu, porém, fundamentalmente da Escola de Frankfurt ou outros, que poderiam ser chamados de aproximações das ciências sociais. Para entender por que este era o caso, nós precisamos olhar primeiro a armação institucional dentro da qual Eliot estava trabalhando. Havia, pelo menos, quatro aspectos importantes do sistema cultural inglês que é pertinente destacar.

(a) Na perspectiva europeia a vida intelectual inglesa foi caracterizada através de uma anomalia óbvia; a ausência de um departamento de sociologia e a fraqueza em teoria sociológica. Perry Anderson caracterizou a cultura intelectual inglesa desse período em termos de um "centro ausente" (Anderson, 1992:51). É verdade que a Inglaterra nesse período produziu trabalhos antropológicos importantes, dentre estes o de Malinowski (Malinowski, 1925). Porém, não havia

nada que se comparasse às tradições sociológicas da Itália, Alemanha ou França. A Inglaterra não teve um Parco, Weber ou Durkheim. Em termos de nível intelectual, o único inglês capaz de rivalizar com estes últimos era Keynes, e a sua contribuição se deu em economia e não na sociologia formal.

Foram apresentadas explicações diferentes para isto. De acordo com Abrams este era um problema de "institucionalização" (Abrams, 1968:4). Perry Anderson vê como central o papel dos intelectuais imigrantes. Ele mostra que o trabalho intelectual que havia sido feito na Inglaterra durante o período foi empreendido pelos imigrantes da Europa como Namier, Malinowski e Wittgenstein, todos tendendo a uma posição conservadora e se opondo à teoria social. Como Anderson adequadamente coloca, "a realização deles era sistematizar a recusa ao sistema" (Anderson, 1992:64). A realização do coroamento disto era o ataque de Popper à teoria social em *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos* (Popper, 1945). A recepção de Popper na Inglaterra foi conectada indubitavelmente com este clima intelectual conservador.

A ausência de uma tradição de ciência social desenvolvida e uma inteligência de esquerda formidável são fatores estruturais importantes dentro dos quais a posição de Eliot deve ser entendida. Como Francis Mulhern mostra, a Inglaterra dos anos vinte se "definiu pela ausência de um

pensamento social sinóptico e pela crise política e social profunda - foi possível para a crítica literária reafirmar sua reivindicação à hegemonia cultural" (Mulhern, 1979:33). Isto, pretendemos demonstrar, poderia evidenciar um constrangimento, mas também uma vantagem. A ausência de uma estrutura para trabalhar em ciências sociais transformou-se num obstáculo sério para Eliot.

(b) Faltou também autonomia à inteligência na Inglaterra. Foi observado freqüentemente que na Inglaterra, em comparação com outros países, a classe intelectual carecia de uma identidade própria; ela tendia a ser absorvida pelas classes altas (Hall, 1977, 1979; Alman, 1964). A classe dos "intelectuais socialmente soltos", a qual, de acordo com Karl Mannheim, caracterizou a Alemanha no século XIX, não teve equivalente na Inglaterra (Mannheim, 1986:117). Darwin, o intelectual inglês mais importante do século XIX, é um exemplo típico do intelectual inglês, como o é Keynes neste século. Ambos eram homens do meio privado, que se moveram com relativa facilidade nos corredores do poder (George, 1982; Harrod, 1952). A origem desta situação é antiga na história inglesa, está ligada ao desenvolvimento do sistema jurídico, das universidades e da igreja. O ponto importante é que a situação não tinha mudado muito no período de entre-guerras. O declínio do Partido Liberal na era de entre-guerras só exacerbou esta situação.

Além disto, a Inglaterra não teve nenhuma *intelligentsia* de esquerda. O Partido Comunista quase não existia (Pelling, 1958; Wood, 1959). O movimento dos trabalhadores foi dominado por uma aristocracia de trabalhistas reformistas que teve pouca aceitação à teoria socialista (Hobsbawm, 1984). A influência intelectual dominante na esquerda era o movimento de "Fabian" que tirou sua inspiração do utilitarismo em lugar do socialismo (McKenzie, 1979).

Tal vez por isto o debate alemão entre Thomas e Heinrich Mann sobre o papel do intelectual na sociedade não teve equivalente na Inglaterra (Mann, 1965; Gay, 1968). A Inglaterra não teve nenhum equivalente de Nietzsche, e nem mesmo um exemplo de um grande escritor engajado. A única pessoa que se aproxima pouco desta idéia é, claro, George Orwell. Porém, pelo menos no período anterior à guerra o que é interessante sobre ele é a separação, em sua vida intelectual, entre o seu papel como novelista convencional e como um jornalista radical (Williams, 1971). O resultado desta situação foi que o que pode ser chamado a ideologia do "Tory Paternalism" ganhou um significado novo na Inglaterra. Esta ideologia é baseada em uma reverência à tradição e na importância dada a uma hierarquia social estável. Eliot tornou-se um porta-voz importante deste ponto de vista.

(c) A imprensa e o sistema de comunicações na Inglaterra eram, em

comparação com outros países europeus, tecnologicamente avançados. Já em finais do século dezenove a imprensa popular na Inglaterra tinha alcançado um nível considerável de avanço tecnológico e comercialização. "Fleet Street" é sinônimo de jornalismo em todos os lugares. Um resultado disto foi o aparecimento de uma elite jornalística. Se havia qualquer sensação de um consenso ideológico, esta tendeu a se concentrar ao redor dos jornalistas e jornais em vez de partidos políticos ou universidades. Os escritores na Inglaterra tinham melhores ligações com o jornalismo do que com outras instituições intelectuais. Charles Dickens é, claro, o caso clássico de jornalista-novelaista-comentarista, como foi Orwell mais tarde. Esta hegemonia do jornalismo se explica pelo fato de que, em contraste com a concentração ao nível de jornais, a publicação de livros foi muito mais fragmentada e havia poucas comunidades de escritores. Pelo menos não era assim até que em 1936 foi fundado o Clube do Livro da Esquerda.

O período de entre-guerras viu desenvolvimentos novos em comunicações que tenderam a exacerbar a hegemonia do jornalismo. Este período testemunhou uma mudança importante na composição de classe da sociedade britânica, com o aumento da importância de trabalhadores de colarinho branco, que na Inglaterra se convencionou chamar "clerks". O desenvolvimento de bairros em Londres como Clapham foi

conectado com este fator (Carey, 1992). Por exemplo, o número de professores do primeiro grau cresceu de 14.000 em 1870 para 170.000 em 1934 (Mulhern, 1979:10). O aparecimento deste estrato novo criou uma demanda que foi satisfeita através das revistas literárias como *The Times Literary Supplement*. Também conectado com isto foi a fundação da BBC em 1922, presidida por Lord Reith que, na tentativa de ditar padrões morais, assemelhou-se à sua contraparte russa, o Zhdanov.

A conexão de Eliot com o mundo do jornalismo em Londres era central para o trabalho dele. Em 1917 ele se tornou o editor assistente de *O Egoísta*, que tinha sido produzido por Harriet Shaw Weaver e tinha sido o editor do livro de James Joyce, *Retrato do Artista como um Homem Jovem*. Em 1922 ele lançou sua própria revista literária, *Critério* (1922-1939). *Critério* não foi em qualquer fase de sua vida uma revista de grande circulação. De acordo com Ackroyd, no seu auge a revista alcançou cerca de 800 subscritores (Ackroyd, 1984: 248). Porém, havia dois aspectos de sua publicação que revelam muito sobre Eliot. Primeiro, a revista foi apoiada financeiramente pela Senhora Rothermere, a esposa do editor do *Daily Mail*, Lord Rothermere. Isto era enormemente importante para uma publicação literária porque significava efetivamente que, pelo menos no início, a política editorial não foi ditada por preocupações de dinheiro. Além disto, possibilitou a Eliot a entrada no

mundo poderoso do jornalismo na Inglaterra. Eliot aproveitou esta oportunidade para usar a sua influência intelectual. Ele se tornou um colaborador freqüente de jornais, como revela a sua correspondência no *Daily Mail*. Segundo Ackroyd, só em 1927 Eliot publicou umas trinta revisões longas para revistas e jornais como *The Daily Mail*, *The Nation*, *Athenium* e *The Times Literary Supplement* (Ackroyd, 1984:166).

(d) A importância da igreja anglicana é um fator que é negligenciado freqüentemente em debates e discursos sobre cultura. A Igreja anglicana exerceu uma posição bastante curiosa dentro da estrutura de poder inglesa. A descrição disto como "the Tory Party at prayer" contém algumas explicações teóricas, mas não toda a verdade. Numa relação direta a Igreja não teve nenhum poder político; a Rainha permaneceu a líder da igreja. Porém, é realmente necessário ver a Igreja anglicana dentro do contexto mais largo da vida intelectual e política da Inglaterra que descrevemos. Dada a ausência de uma contra-ideologia, o discurso do humanismo Cristão ainda era importante e conectou-se em geral com outras noções de ordem e conservantismo. A Igreja anglicana estava, e até certo ponto ainda está, conectada com outras instituições poderosas politicamente, como a BBC, o Partido Conservador, e as universidades Oxford e Cambridge. Atingindo-se uma posição importante na igreja, se obtém acesso relativamente fácil a esses outros

canais de influência.

A posição de Eliot na igreja anglicana, para a qual ele tinha se convertido em 1927, lhe assegurou maior influência no sistema de poder inglês. Ele se tornou, por exemplo, um contribuinte importante para a BBC. Anos depois da guerra ele trabalhou para o British Council e conseguiu transformar-se num tipo de guru da cultura, com uma mistura de ideais religiosos, reflexões sobre o social e análise literária. Foi através dessa mistura que a influência dele se consolidou.

4. AS DUAS INTERVENÇÕES DE ELIOT

Até aqui tratamos de quatro fatores: ciência social acadêmica, os intelectuais, a imprensa, e a igreja. A contribuição de Eliot tem que ser explicada dentro desse quadro. A seguir, passaremos às suas duas intervenções:

A Intervenção no debate da Cultura de Massa

A contribuição mais importante de Eliot para o debate foi *Notas Para uma Definição da Cultura* (Eliot, 1949). A importância deste livro não está na sua contribuição teórica para a compreensão da cultura de massa; de fato, ele traz pequena ou nenhuma contribuição neste sentido. Sua importância e influência estão principalmente na sua formulação do

problema. Neste ponto a obra reflete as negligências da vida intelectual inglesa na época de entre-guerras.

Antes da Primeira Guerra Mundial a antropologia atingiu uma posição de importância intelectual dentro das universidades inglesas. Isto se reflete no livro de Eliot, quando ele utiliza a definição funcionalista de cultura do antropólogo inglês E.B. Tylor. Segundo Tylor, a cultura poder ser definida como "um modo de vida" (Eliot, 194:22). O modo de vida inglês envolve uma variedade de atividades, incluindo, segundo Eliot: "Dia do remo na Henley, Iatismo em Cowes, o feriado do dia 12 de agosto, a final do campeonato nacional, a corrida de cachorro, a mesa de alfinete, a tábua de dardo, queijo de Wensleydale, repolho fervido, beterraba em vinagre, igrejas góticas do século XIX e a música de Elgar" (Eliot, 1948:31). Em outras palavras, para Eliot a cultura não é compreendida como comportamento institucionalizado, nem como o produto de certos fatores sociais. Ao invés disso, é uma *emanação*, "uma variedade de atividades harmoniosas" (Eliot, 1948: 19). Realmente Eliot discordou de Karl Mannheim, o único sociólogo ao qual se referiu no livro, justamente na tentativa dele de explicar a cultura como um processo acabado. Para Mannheim, a cultura somente pode ser entendida só em termos de uma criação dos grupos ou elites e da maneira pela qual as mudanças na estrutura social aforam esta criação (Mannheim, 1936). Eliot afirma que isso é confundir uma parte com o todo

da sociedade e negligenciar o aspecto "orgânico" (Eliot, 1948:37).

Tendo definido cultura na Inglaterra como a maneira pela qual a vida das pessoas em uma comunidade pré-industrial poderia ser descrita, a tarefa de Eliot era explicar como este modelo poderia ser aplicado a um complexo moderno, ou "graded society" como ele chama (Eliot, 1948:48). Aqui Eliot faz recurso à noção de inter-relação funcional. Uma cultura não é simplesmente uma colção de partes, mas um sistema de relações funcionais. No caso da Inglaterra ele vê três coisas importantes que estão na base da cultura: classe, região e religião. Em cada uma destas áreas na Inglaterra a divisão é óbvia. As classes, as regiões e os grupos religiosos falam, votam, comem e têm passatempos diferentes. Realmente parece que as divisões ameaçam a existência de uma cultura unificada. Isto não é assim para Eliot. As divisões culturais na Inglaterra são o fator estruturador da cultura inglesa.

Na análise final, o que Eliot produziu foi um modelo funcional de cultura equivalente ao modelo de estratificação de Davis e Moore, produzido na mesma época (Davis e Moore, 1945). Naquele modelo a hierarquia das ocupações foi explicada em termos do papel de cada um na reprodução sistêmica. Semelhantemente para Eliot, o fato de que aquele grupo pode comer repolho fervido e outro caviar não traz em si mesmo algo que precisa ser

explicado. O que tem que ser explicado é como isto contribui para a reprodução da cultura inglesa.

A abordagem tem todas as falhas que são associadas a explicações funcionalistas. Talvez o mais importante é o fracasso de explicar o processo de criação da cultura. Da mesma maneira que são produzidos jornais, música, comida e cerveja, também os consumidores destes têm que ser produzidos e reproduzidos. A sociedade não é dividida naturalmente entre os que assistem futebol, lêem jornais populares ou vão à ópera. Neste contexto, é significativo que algumas das áreas mais importantes, que poderiam ser consideradas criação da cultura na Inglaterra, a imprensa, o rádio, o cinema e a fotografia não são levadas em conta por Eliot. Todas são áreas onde os sistemas de crenças estão sendo constantemente modificados. Além disto, como George Steiner mostrou, o que é extraordinário sobre sua análise da cultura é o fato de que ele não menciona que aquele grupo que foi o responsável pela criação da cultura européia, os judeus, tinha sido efetivamente exterminado (Steiner, 1971:34). Não há sequer qualquer menção quanto ao que, afinal de contas, era o ingrediente cultural mais importante na sociedade inglesa: a cultura do imperialismo.

O fato é que Eliot pensou pequeno e fez menos do que o que poderia ser chamado uma abordagem científica social para o problema da

A Dupla Vida do Senhor Eliot

cultura. Por isto ele fez pouco para a criação de uma tradição de ciência social na Inglaterra. Três dos capítulos originais do livro apareceram em uma publicação literária chamada *O Novo Semanário Inglês* e um adicional apareceu em um livro religioso intitulado *Prospecto para a Cristandade* (1945). Tudo isso é legitimado mais adiante por Eliot através de referências a fatores religiosos e da última importância dada ao elemento moral. A ausência de uma tradição de ciência social na Inglaterra, quedou fatal para Eliot; e de algum modo ele contribuiu para a continuação desta ausência. A ausência de uma estrutura institucional formal diminuiu intensamente a sua habilidade para fazer uma contribuição. Eliot não fez nenhum movimento para mudar esta situação. Ao invés, o que nós podemos dizer sobre seu livro é que era mais uma contribuição para aportar o sistema institucional que existia. Este não era, inevitavelmente, o caso, como pode ser visto claramente, quando nós olhamos o seu papel no mundo literário.

5. ELIOT E O SISTEMA LITERÁRIO

Abordaremos a seguir a contribuição de Eliot para outra área: o sistema literário. Enfocaremos especificamente o desenvolvimento da poesia e da crítica literária. Em condições institucionais o mundo literário na Inglaterra estava ruais avançado do que as ciências sociais.

Departamentos de literatura eram bem estabelecidos nas universidades, embora muito no lado conservador. Além disto, como já foi mostrado, a instituição do jornalismo e das comunicações foram amarradas à literatura.

A criação artística é dependente do aparato de produção e distribuição de trabalhos artísticos. No caso da literatura, o processo de alcançar o leitor envolve vínculos com uma indústria, que é controlada por grupos que têm o seu próprio programa econômico: eles têm olhos para o que acreditam estar acontecendo no mercado. Porém, o artista não é simplesmente uma vítima desta estrutura de poder. De fato, é possível para artistas, se eles são bastante talentosos, criar tendências intelectuais que a indústria seguirá.

Shakespeare é um caso clássico no sentido de que ele não era só um dramaturgo, mas co-proprietário do teatro O Globo, no qual suas próprias peças foram organizadas. A sua influência no desenvolvimento do drama inglês, como empresário não pode ser separada da sua influência como dramaturgo (Beckerman, 1962; Chambers, 1945). T.S. Eliot era outro exemplo. Ele teve uma influência enorme, e essa influência não pode ser separada dos papéis de artista, editor e crítico literário. Ao longo da sua vida ativa Eliot era envolvido no que poderia ser chamado de política literária, quer dizer, tomando decisões sobre a produção e venda de trabalhos literários que tiveram uma influência

direta na prática literária. Eliot gostava muito das rotinas das organizações, especialmente do que poderia ser chamado o tipo inglês. um baixo grau de burocracia e um peso importante no elemento "chá e sanduíches". Realmente sua melhor poesia foi escrita em Londres entre 1917 e 1925 quando ele era um empregado do banco Lloyds. O próprio Eliot decidiu encenar o cavalheiro inglês, e foi tão longe que até usou um chapéu coco. Embora isto lhe tenha feito parecer bastante ridículo, especialmente para as suas conexões americanas, sem nenhuma dúvida também lisonjeou a sensação inglesa de superioridade e lhe valeu uma entrada mais fácil na sociedade inglesa.

O fato de que, até um certo ponto, Eliot se tornou um inglês honorário, foi extraordinário e significou a chave para a sua influência. Ele ganhou acesso para o que na Inglaterra são chamados os "Old Boy networks". Mas nunca foi simplesmente um seguidor. Eliot teve o cuidado de não se tornar muito identificado com o que era então o grupo literário mais influente, o Bloomsbury. A sua política, que era um tipo de libertação, não atraiu Eliot. Porém, ele manteve relações com Virginia Wolf, Clive Bell e outros dentre a elite literária inglesa, que inclui Conrad Aiken, os Sitwells, a Senhora Otoline Morell, Anthony Powell, e Bertrand Russell. Realmente a biografia dele aponta quem é quem na sociedade. Ele até conseguiu uma audiência com o

próprio Papa Pio XII (Ackroyd, 1984: 286).

No final dos anos trinta, quando sua influência dele provavelmente alcançou maior abrangência, a vida de Eliot, como Ackroyd diz, tinha se tornado "um círculo infinito de cartas e reuniões" (Ackroyd, 1984:240). Por exemplo, em janeiro de 1938 ele estava assistindo a uma reunião em Londres relativa ao Conselho Mundial das Igrejas. Em abril ele estava em Lisboa participando do Jurado do prêmio Camões. Dois meses depois ele estava participando do Congresso de Teatro Internacional em Stratford on Avon (Ackroyd, 1984:241). Ele não era simplesmente um espectador nestas reuniões. Um conhecido do tempo, Conrad Aiken, descreveu Eliot como um perito na "prática do poder político Maquiavélico" (Ackroyd, 1984: 142). O ponto é, no caso de Eliot, que política literária e influência literária são difíceis de separar. Podemos observar este fato em termos de três áreas distintas: poesia publicada, crítica literária e discurso e metáfora.

37. Publicada Poesia

Antes da primeira guerra mundial não existia uma imprensa poética dominante na Inglaterra. Os poetas mais importantes do período tinham sido publicados por editores diferentes. A primeira coleção do próprio Eliot, por exemplo, foi impressa manualmente por Leonard e Virgínia Wolf da Imprensa de

A Dupla Vida do Senhor Eliot

Hogarth. Porém, por volta de 1940 a situação tinha sido completamente transformada e isto se devia em grande parte ao próprio Eliot. Ele foi convidado em 1925 por Frank Faber a se tornar o editor de uma pequena casa de publicações conhecida como Faber e Gwyer. Tendo assumido esta posição, Eliot começou sistematicamente a criar uma imprensa de poesia, subseqüentemente conhecida como Faber e Faber, que se tornou hegemônica na área de publicação de poesia. Faber e Faber se tornou, debaixo da direção de Eliot, a casa oficial da poesia na Inglaterra, de tal extensão que quem não tinha publicado lá não poderia ser considerado um poeta. A marca deste editor foi crucial. Todos os grandes nomes da poesia da língua inglesa, W.H. Auden, Stephen Spender, Cecil Day Lewis, Ted Hughes, Sylvia Plath, Robert Lowell, Seamus Heaney, tiveram trabalhos publicados pela Faber e Faber.

Com a publicação do *Libro Enber de Verso Moderna* em 1936 veio o ápice de sua influência. Por esta, e por outras publicações críticas, Eliot reformou os cânones do gosto literário. Pela inclusão, como também exclusão, de certos escritores, Eliot e os seus colegas poderiam influenciar a produção literária.

Crítica literária

Há acordo geral que Eliot teve uma influência crucial no desenvolvimento da crítica literária.

De acordo com Leavis, ele "reorientou a crítica e a prática poética e efetuou uma mudança profunda na compreensão do sentido da tradição inglesa" (Leavis, 1952:285). Leavis, porém, deixa inexplicado como Eliot teve sucesso fazendo isto. Um fator que foi da maior importância foi a sua introdução do que pode ser chamado amplamente de estruturalismo na crítica literária. Realmente se poderia dizer que a abordagem agência-estrutura na crítica literária inglesa se origina com Eliot. A seguir estudaremos a análise de Eliot da tradição literária e dramática.

A questão da tradição literária, e a relação dos escritores para com ela, foi uma preocupação de Eliot do início até o final da sua carreira. Isto pode ser observado em composições como "Tradição e Talento Individual" (1919) e "O que é um Clássico?" - (1944). Eliot era considerado freqüentemente um defensor do conservantismo. Há o seu ditado famoso, por exemplo, que diz que a poesia deveria ser a "negação da personalidade" (Kermode, 1975:40). Além disso, havia a sua reabilitação dos poetas do século XVII chamados de "metafísicos" e a convicção dele de que a poesia inglesa tinha declinado desde o século XVII (Kermode, 1975:64 e 171).

Não pretendemos negar o intento conservador na crítica de Eliot. Certamente o vocabulário dele com sua repetição de palavras "orgânico", "padrões", "submissão" e "intelecto" é carregado de conservadorismo.

Porém, parece que há muito mais do que isto. O que Eliot estava tentando fazer era prover um meio no qual a relação entre o escritor individual e a instituição de literatura pudesse ser entendida como uma relação agência-estrutura. Assim a rejeição dele da idéia de Wordsworth de que a poesia poderia ser entendida como "recordação da emoção em tranqüilidade" ("emotion recollected in tranquillity") e a sua própria idéia de que a poesia é "uma negação da personalidade", simplesmente não deveria ser vista como uma reverência excessiva ao passado ou como uma rejeição partidária do Romantismo (Kermode, 1974:40). Ao invés disso, precisa ser vista como um modo de olhar do "poeta-poesia": ou seja, perceber a relação da perspectiva da agência-estrutura. Realmente é através da armação de agência-estrutura de Eliot que é possível apreciar a própria contribuição de Wordsworth para a crítica literária no famoso *Prefácio a Buladas Líricas*. O ataque de Wordsworth, no qual ele viu como uma obsessão com a "dicção poética", era basicamente um argumento contra o determinismo estrutural e uma tentativa de um agente literário para influenciar o desenvolvimento do sistema (Wordsworth, 1977:874). Eliot estava fazendo a mesma coisa em seu criticismo.

Outra ilustração da aproximação estrutural de Eliot é a composição "Hamlet e seus Problemas" (Kermode, 1974). Neste ensaio ele desenvolveu o seu conceito

famoso "objective correlative". Antes da intervenção de Eliot, a crítica do drama foi dominada pelo que pode ser chamado análise de caráter, do tipo por exemplo dos livros do A.C. Bradley. Bradley, por exemplo, escreveu em seu livro sobre a tragédia Shakespeariana, que, no caso de *Hamlet*, "a história inteira se transforma no caráter peculiar do herói" (Bradley, 1974:70). Eliot, embora não se referindo diretamente a Bradley, começa a sua análise com a declaração de que, *Hamlet*, a peça, é o problema primário, e Hamlet, o caráter, só secundário (Kermode, 1974:45). O que segue é um uso clássico do método estruturalista.

Segundo Eliot, a peça de *Hamlet* teve suas origens no gênero da tragédia de vingança, que precedeu Shakespeare. Pode dizer-se que era uma estrutura com que Eliot estava trabalhando. Neste gênero o motivo da vingança tinha sido claramente presente. Ele refez essa estrutura com um novo caráter. O problema, segundo Eliot, estava no fato de que uma das conseqüências do refazer era que o motivo da vingança estava perdido. Shakespeare permaneceu então com uma estrutura que estava baseada na vingança, mas com um caráter que era muito complexo para um motivo de vingança simples. Por isto, segundo Eliot, o ponto central da peça se torna o tema da demora. O problema é que não há nada no enredo de vingança tradicional que corresponda a este sentimento novo. Eliot caracterizou essa ausência com a idéia de "objective correlative"

(Kerrnode, 1975:48).

Discurso e Metáfora

Por último voltamos à relação entre o literato e o mundo social. Como Harry Levin uma vez colocou, "literatura não só é o efeito de causas sociais mas também a causa de efeitos sociais". (Levin, 1973) A maneira pela qual a literatura pode mostrar uma influência social é uma área clara de debate. Indubitavelmente depende em parte do comando dos escritores do idioma. O entendimento de Eliot sobre o que poderia ser chamado o aspecto subterrâneo do idioma cotidiano não tem igual. A sua preocupação, ele diz em *Little Gidding*, era "purificar o dialeto da tribo".

Particularmente, em *A Terra Devastada*, Eliot criou uma metáfora socialmente influente. Em obra que é uma das recentes contribuições mais sugestivas à história intelectual, *A Grande Guerra na Memória Moderna*, Paul Fussell discute que a Grande Guerra é o evento definidor da imaginação da Inglaterra do século XX (Fussell, 1975). Pelo menos até os anos setenta, segundo ele, a textura inteira da vida britânica era composta por imagens da guerra. Ele sustenta - corretamente em nossa visão - que *A Terra Devastada* de Eliot é um trabalho chave nesta tradição. O poema ganhou muito de sua carga emocional através da maneira com a qual encarnou a imagem da guerra, "seu arquiduque, seus ratos e canais

e homens mortos, seu enfoque no medo, suas árvores pardas, sua conservação sobre a desmobilização, seus médiuns espiritualistas que atacaram os parentes ansiosos que queriam contatar os seus meninos mortos e as colocações de paisagem dinamitada e ruínas" (Fussell, 1975:325-326). Não é um exagero dizer que, pelo menos na cultura do alto modernismo, a metáfora de *"A Terra Devastada"* era hegemônica no período de entre-guerras. De acordo com Peter Carey, a descrição de Eliot da sociedade de massa em *A Terra Devastada* como uma forma de morte vivente, refletiu-se em muitas áreas de pensamento. Segundo Carey, foi por causa da influência de Eliot que, "a suposição que a maioria das pessoas estão mortas se tornou, pelos anos trinta, um repertório padrão de qualquer intelectual com auto respeito" (Carey, 1992:10).

6. CONCLUSÃO

A contribuição de Eliot enquanto editor de poesia é comprovada pela continuada importância da Faber e Faber. É um legado institucional de Eliot que resistiu ao teste do tempo. No mundo da crítica literária a influência dele durou até o presente. Os escritos dele e a armação de conceitos que ele desenvolveu continuam provendo uma base para novos desenvolvimentos. Pode-se dizer, por exemplo, que não há nada na recente crítica literária que faça a contribuição de Eliot supérflua. É claro que o desenvolvimento da

crítica literária na Inglaterra sob a influência da semiótica e da análise de discurso trouxe perspectivas novas. Porém, estes desenvolvimentos complementam em lugar de substituir Eliot. Realmente, certas abordagens de crítica literária inglesa, como por exemplo a marxista dos anos setenta, em nossa visão, representam um passo regressivo em relação a Eliot (Eagleton, 1976).

Quando nós nos voltamos para a teoria cultural a contribuição dele aparece mais duvidosa. Por exemplo, em contraste com a Escola de Frankfurt Eliot não fundou a análise institucional da cultura. Ele não deixou para trás nenhum instituto, casa pública ou movimento intelectual que poderiam ter agido como uma base para pesquisa adicional em cultura. Seus livros e suas composições em crítica de cultura, em contraste com suas composições em literatura, não forneceram aparato conceitual que pudesse prover uma base para a crítica de cultura. O resultado era que, no período imediato de pós-guerra, a crítica de cultura na Inglaterra estava como tinha estado nos anos trinta. Na introdução de um livro sobre sociologia da literatura em 1970 os editores ainda poderiam lamentar o que eles consideravam o "provincianismo crônico" de estudos culturais na Inglaterra (Burns, 1973:14). Isto é claro quando se observa o trabalho dos dois críticos de cultura mais importantes na Inglaterra do pós-guerra, Richard Hoggart e Raymond Williams.

O livro de Hoggart, *Os Usos da*

A/fabetização, é uma investigação da natureza da cultura de classe dos trabalhadores do norte da Inglaterra (Hoggart, 1957). O que é permanente sobre este livro, quarenta anos depois, é a ausência de uma perspectiva científica social, e o modo, quase folclórico, por meio do qual Hoggart discute cultura. Discutindo a nova cultura de consumidor Hoggart não pode fazer melhor que descrever este fenômeno como "um mundo de doce-regato" (Hoggart, 1957:206). Algo semelhante pode ser dito das contribuições de Raymond Williams em *Cultura e Sociedade* e *A Revolução Longa* (Williams, 1958 e 1961). *A Revolução Longa*, em termos teóricos não representa nenhum avanço em relação a Eliot. O objetivo dele, como era o de Eliot, é estudar a cultura como "um modo inteiro de vida" (Williams, 1961:46). Novamente, como Eliot, ele deslumbra o uso da antropologia funcionalista, utilizando a teoria de Ruth Benedict, cujo conceito de "padrão" Williams acredita ser crucial para a análise cultural (Williams, 1961:47).

A verdade é que só quando Stuart Hall se tornou o líder do Centro de Estudos Culturais na Universidade de Birmingham (1968-1979) os estudos culturais propriamente ditos se desenvolveram na Inglaterra. (Hall e Jefferson 1976). O desenvolvimento de uma nova crítica cultural foi também estimulado por revistas como *Teoria, Cultura e Sociedade*, A crítica literária avançou considera-

A Dupla Vida do Senhor Eliot

velmente por outro lado. Eu sustentaria que o papel de Eliot é importante para explicar isto como uma causa e um produto do sistema. Em outras palavras, o papel de Eliot tem que ser visto dentro do contexto do sistema no qual ele estava operando. Se ele fez uma maior contribuição à crítica literária, não seria simplesmente porque ele sabia mais sobre o assunto, mas porque a instituição da crítica literária era mais desenvolvida. E por causa desse desenvolvimento Eliot pode dar uma contribuição maior.

Tentamos ilustrar esta tese usando o método comparativo tal como esboçado por Theda Skocpol. É verdade que o emprego de Skocpol deste método é criticado. Não há

dúvida, por exemplo, de que este método inclina-se pesadamente em favor da macrosociologia. Além disto, o uso do método para observar o papel de um único agente em dois contextos institucionais diferentes é novo, e por isso um pouco perigoso. Pensamos que dois comentários podem ser feitos a esse respeito. Primeiro, levando em conta os perigos inevitáveis de tal exercício, é útil, todavia, empregar o método comparativo em um contexto novo. Acreditamos que isto pode nos ajudar a explorar as possibilidades da metodologia comparativa. Segundo, se por um lado é prudente ter cuidado quanto ao uso do método das ciências sociais em crítica literária, por outro este uso é útil e pode desafiar o subjetivismo nos estudos literários.

Estudos de Sociologia

Referências Bibliográficas

- ABRAMS, Philip (1968) *The Origins of British Sociology 1834-1945*. Chicago: University of Chicago Press.
- ACKROYD, Peter (1988) *T.S. Eliot*. Londres: Cardinal.
- ADORNO, Theodor (1967) *Prisms*. Londres: Verso.
- , HORKHEIMER, Max (1979) *Dialectic of Enlightenment*. Londres: New Left Books.
- ALEXANDER, Jeffrey et al. (orgs.) (1987) *The Micro-Macro Link*. Los Angeles e Berkeley: University of California Press.
- ALEXANDER, Jeffrey (1988) *Action and its Environments: towards a new synthesis thesis*. Nova York: Columbia University Press.
- ANDERSON, Perry (1992) *English Questions*. Londres: Verso.
- ANNAN, Noel (1955) "The Intellectual Aristocracy", in J. Plumb (org.), *Studies in Social History*. Londres.
- ARNOLD, Matthew (1966) *Culture and Anarchy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BECKERMAN, Bernard (1962) *Shakespeare at the Globe 1599-1609*. Londres: Macmillan.
- BOTTOMORE, Tom (1966) *Elites and Society*. Harmondsworth: Penguin.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc (1992) *An Invitation to Reflexive Sociology*. Cambridge: Polity.
- BRADLEY A.C. (1965) *Shakespearean Tragedy*. Harmondsworth: Penguin.
- BRACHER, Karl Dietrich (1976) "The Role of Hitler: perspectives of interpretation", in W. Laqueur (org.), *Fascism*. Harmondsworth: Penguin.
- CAREY, Peter (1992) *The Intellectuals and the Masses*, Londres: Faber and Faber.
- CARLYLE, Thomas (s/d), *On Heroes, Hero Worship and the Heroic in History*. Nova York: Doubleday.
- CHAMBERS, E.K. (1945) *The Elizabethan Stage*. 4 vols. Nova York: Oxford University Press.
- DAVIS, K.; MOORE, W.E. (1945) "Some Principles of Stratification". *American Sociological Review*, 10, 242-249.
- EAGLETON, Terry (1976) *Criticism and Ideology*, Londres: New Left Books.
- ELIAS, Norbert (1978) *The Civilizing Process*. Oxford: Blackwell.
- ELIOT, T.S. (1944) *Four Quartets*. Londres: Faber and Faber.
- (1948) *Notes Towards the Definition of Culture*. Londres: Faber and Faber.
- (1954) *Selected Poems*. Londres: Faber and Faber.
- ENGELS, Fredrick (1975) *Socialism: utopian and scientific*. Moscou: Progress Publishers.

A Dupla Vida do Senhor Eliot

- FREUD, Sigmund (1984) "The Unconscious", in *On Metapsychology: the theory of psychoanalysis*. Harmondsworth: Penguin.
- GAY, Peter (1968) *Weimar Culture: the outsider as insider*. Nova York: Harper and Row.
- GEERTZ, Clifford (1973) *The Interpretation of Cultures*. Londres: Fontana.
- GIDDENS, Anthony (1984) *The Constitution of Society: outline of the theory of structuration*. Cambridge: Polity Press.
- _____. (1991) *Modernity and Self-Identity: self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press.
- GRAMSCI, Antonio (1971) *Selections from the Prison Notebooks*. Londres: Lawrence and Wishart.
- HALL, John A. (1977) "The Role and Influence of Political Intellectuals: R.H. Tawney and Sidney Webb". *British Journal of Sociology*, 28 (3).
- _____. (1979) "The Curious Case of the English Intelligentsia". *British Journal of Sociology*, 30 (3).
- HALL, Stuart; JEFFERSON, T. (1976) *Resistance Through Rituals*. Londres: Hutchinson.
- HARROD, Roy (1951) *The Life of John Maynard Keynes*. Londres: Macmillan.
- HOBHOUSE, L.T. (1966) *Sociology and Philosophy: a centenary collection of essays and articles*. Londres: G. Bell and Sons.
- HOLLOWAY, John (1965) *The Victorian Sage*. Nova York: Norton and Company.
- HORKHEIMER, Max (1941) "Art and Mass Culture", in *Studies in Philosophy and Social Sciences*.
- GEORGE, Wilma (1982) *Darwin*. Glasgow: Fontana.
- JAY, Martin (1973) *The Intellectual Imagination: a history of the Frankfurt School and the Institute of Social Research 1923-1950*. Londres: Heinemann.
- KERMODE, Frank (1975) *Selected Prose of T.S. Eliot*. Londres: Faber and Faber.
- KETTLER, David et al. (1984) *Karl Mannheim*. Londres: Tavistock Publications.
- LEVIN, Harry (1973) "Literature as an institution", in E. & T. Burns (orgs.), *Sociology of Literature and Drama*. Harmondsworth: Penguin.
- LEAVIS, F.R. (1952) *The Common Pursuit*. Harmondsworth: Penguin.
- LEVI-STRAUSS, Claude (1972) *The Savage Mind*. Londres: Weidenfeld and Nicholson.
- LOVEJOY, Arthur (1936) *The Great Chain of Being*. Cambridge, Mass.
- LUKÁCS, Georg (1923) *History and Class Consciousness*. Londres: Merlin Press.
- MacBETH, George (org.) (1967) *Poetry 1900 to 1965*. Londres: Longman.

Estudos de Sociologia

- MacKENZIE, Norman & Jean (1979) *The First Fabians*. Londres: Quartet Books.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1925) *Argonauts of the Western Pacific*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- MANN, Thomas (1965) *Thomas Mann - Heinrich Mann: Briefwechsel 1900-1949*.
- MANNHEIM, Karl. (1936) *Ideology and Utopia*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- _____. (1982) *Structures of Thinking*, Londres: Routledge and Kegan Paul.
- _____. (1986) *Conservatism: a contribution to the sociology of knowledge*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- MARX, Karl (1973) "The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte", in FERNBACH, D. (org.) *Surveys from Exile*. Harmondsworth: Penguin.
- MERQUIOR, J.G. (1986) *From Prague to Paris: a critique of structuralist and post-structuralist thought*. Londres: Verso.
- MOUZELIS, Nicos (1995) *Sociological Theory: what went wrong*, Londres: Routledge.
- PARSONS, Talcott (1964) "Psychoanalysis and the Social Structure", in *Essays in Sociological Theory*. Nova York: Free Press.
- PELLING, Henry (1958) *The British Communist Party*, Londres: Adam and Charles Black.
- POPPER, Karl (1945) *The Open Society and its Enemies*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- SALTZER, Rolf (1991) *German Essays on History*. Nova York: Continuum.
- SCOTT, John (1995) *Sociological Theory: contemporary debates*. Aldershot: Edward Elgar.
- SKOCPOL, Theda; SOMERS, Margaret (1994) "The Uses of Comparative History in Macrosocial Inquiry", in SKOCPOL, T., *Social Revolutions in the Modern World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SPENDER, Stephen (1975) *Eliot*. Glasgow: Fontana.
- STEINER, George (1971) *In Bluebeard's Castle*. Londres: Faber and Faber.
- _____. (1975) *Exterritorial*. Harmondsworth: Peregrine.
- STUART HUGHES, H. (1958) *Classicism and Society: the reorientation of European social theory 1890-1930*. Londres: Paladin.
- WATT, Ian (1957) *The Rise of the Novel*. Harmondsworth: Penguin.
- WEBER, Max (1948) "The Social Psychology of the World Religions", in WRIGHT MILLS, C.; GERTH, H. (orgs.), *From Max Weber*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- _____. (1949) *The Methodology of the Social Sciences*. Nova York: Free Press.
- _____. (1968) *Economy and Society*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

A Dupla Vida do Senhor Eliot

- _____. (1981) *General Economic History*, New Brunswick: Transaction Books.
- WELLEK, René; WARREN, Austen (1949) *Theory of Literature*, Harmondsworth: Penguin.
- WILEY, Basil (1973) *Nineteenth Century Studies: Coleridge to Matthew Arnold*. Harmondsworth: Penguin.
- WILLIAMS, Raymond (1958) *Culture and Society 1780-1950*. Harmondsworth: Penguin.
- _____. (1961) *The Long Revolution*. Londres: Chatto and Windus.
- _____. (1971) *Onassis*. Glasgow: Fontana.
- _____. (1982) *The Sociology of Culture*. Nova York: Schocken Books.
- WILSON, Angus (1959) *Axel's Castle*. Glasgow: Fontana.
- WORDSWORTH, William (1977) *Poems*. Vol. 1. Harmondsworth: Penguin.